

JULIO BERNARDO

Dias de feira



Copyright © 2014 by Julio Bernardo

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa

Fernando Naigeborin

Preparação

Cacilda Guerra

Revisão

Valquíria Della Pozza

Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bernardo, Julio

Dias de feira / Julio Bernardo. — 1^a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ISBN 978-85-359-2432-9

1. Ficção brasileira I. Título.

14 - 02713

CDD - 869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura brasileira 869.93

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

O CIRCO GANHA A RUA

- Pode chegar, freguesia!, 15
Mas quem são os feirantes?, 22
Truques, 28
O bar, 31
1979, 33

NA FEIRA

- Terra de bucheiros, 37
A pasteleira, 41
Lavanderia, 45
O doutor, 48
Denise, 52
É batata!, 55
Banana *superstar*, 57
Alhos e ovos, 61

- João do Feijão, 65
Separação, 67
Seu Messias, 69
As boleiras, 72
Seu Domingos, 74
As damas do Piratininga, 76
Massa caseira, 79
Os seguranças, 81
Os aviõezinhos, 83
O cafezinho, 85
Torta do espanhol, 89

BUCHEIROS

- Treze, 93
Frango temperado, 96
Happy hour, 98
A Blitz, 101
Carlão, 104
Heleno, 107
Adonias, 109
Getúlio, 114
Aline, 117
A peixeira do peixeiro, 120
O duelo do rabo de gallo, 123
Seu Paraná, 126
Delícia Real, 130
O samba do Estoril, 132
Jardim Roberto, 135

Tem que dar certo, 137
O churrasco, 140
Rubão, 143
Sinuca, 148
PA-NA-ME-RI-CA-NO, 152
Quarenta, 158
Velório em vida, 162
Já vai?, 165
Tome tento, menino!, 170
Camelando, 175

FIM DE FEIRA

A xepa da história, 183

O CIRCO GANHA A RUA

Pode chegar, freguesia!

○ H

Enquanto alguns poucos trabalhadores chegam em casa e os playboys saem perfumadinhos para a balada, discretos fruteiros estacionam com seus enormes caminhões naquele ponto da rua que se tornará o epicentro nervoso do meio da feira e descarregam caixas de frutas, barracas de madeira e lonas, quase que silenciosamente, para não perturbar o justo sono daqueles que trabalham em horário dito mais comercial. Até porque não se deve brigar com a freguesia, especialmente se ela for composta na maioria de vizinhos.

Embora o circo ainda não tenha tomado corpo, o agito na rua já começou, num movimento que só crescerá.

1 H

Com a barraca pronta e a mercadoria devidamente descarregada, é hora de retirar os caminhões dos fruteiros do meio da

rua, pois esses velhos e gigantescos veículos ocupam muito espaço, ao contrário de outros, como os de bucheiros e peixeiros, que, além de serem veículos um pouco menores, ficam mais bem localizados, nas pontas da feira.

Existe uma razão justa e óbvia para essa geografia: o nem sempre agradável odor da limpeza do peixe e das vísceras bovinas deve exalar da ponta para fora da feira, nunca para o meio, já que uvas e maçãs geralmente apresentam aroma mais agradável que as cabeças de camarão jogadas atrás da banca.

2^H

Chegam os verdureiros, que sempre ficam ao lado dos fruteiros e repetem a operação com o mesmo afinco. Atente-se para o fato de que ninguém descarregou o volume das caixas ainda. Numa tentativa de manter o frescor para as próximas horas e assim conquistar a freguesia, a manipulação da mercadoria é adiada pelo maior tempo possível. Especialmente as folhas e hortaliças, que não podem murchar.

3^H

Antes de prosseguir a operação, é de lei a hora da jogatina, geralmente entre fruteiros e verdureiros, que são afinal os primeiros a chegar. Se bem que, algumas vezes, deixei meu caminhão carregando com os compadres no entreposto frigorífico do meu pai para me juntar aos comparsas de baralho e porrinha. Apostávamos dinheiro e nossos próprios produtos. Jogo sem aposta, para nós, não tem graça.

Por volta dessa hora, também, alguns consomem substâncias ilícitas, enquanto outros se contentam com o onipresente álcool de todas as horas. Eu, que sempre joguei no segundo turno, costumava carregar comigo uma daquelas garrafinhas de aço inoxidável, em geral com bourbon vagabundo, invariavelmente dividido com os colegas.

3^H3^O

Quando menos se espera, basta subir o olhar para ver na ponta da feira os ninjas japoneses que já montaram suas barracas de pastel, à espera dos primeiros fregueses — adolescentes baladeiros a caminho de casa. Alguns de nós vamos lá também, sempre por trás da banca, tentando matar a primeira larica do dia. Serão muitas.

4^H

Com os balcões montados rapidamente em cima dos cavaletes, frutas e verduras são retiradas das caixas e dispostas sobre as bancadas, expulsando assim qualquer indício de odor de substância ilícita supostamente consumida.

Só maçã salva.

O cheiro do *blend* dos hortifrutis e o movimento pasteiro denunciam a centenas de metros de distância que hoje é dia de feira.

Na minha época, nesse horário rolava também um radinho de pilha, ligado no Zé Béttio (“Joga água nele, Mariiaa...”).

5^H

Essa é a hora do maior agito. Enquanto fruteiros e verdureiros esticam suas lonas (verdes, para ornar com a cor de sua mercadoria, assim como bucheiro usa lona vermelho-carne e pasteleiro, lona amarelo-óleo), todos os outros vão chegando e se arrumando, num espetáculo bonito de ver. É nesse momento que costuma chegar o peixeiro tranca-rua com seu enorme caminhão fechando a passagem e terminando com o bom humor de quem esteve batendo ponto no Ceasa desde a meia-noite.

5^{H30}

Esse é o horário padrão de chegada daquele que tem mais trabalho pra montar sua barraca.

É a hora do bucheiro.

Antes de qualquer coisa, descemos a lona do caminhão, essa que nos protege de imprevistos meteorológicos, como uma chuva mais forte. Nossos balcões não são de madeira, mas de aço, assim como os pesados cavaletes. Esse é o próximo passo.

Enquanto uns dois fogem para o boteco que já abriu, outros descarregam o caminhão rapidamente, para a mercadoria dar uma breve resfriada, pois bucheiro que se preza só compra o frango inteiro, para fazer seus cortes na própria feira. Nada de pacotinho de coxa. Utilizamos tudo do bichinho, da carcaça aos miúdos. Maior trampo.

Frango não é banana.

Mas dava mais prazer também, além de mais lucro. Sem contar que meio que aprendi um ofício, já que comecei a me interessar por cortes de carne nessa época, ainda bem jovem. Além do frango, ainda lidava com todos os miúdos bovinos, como fígado e bucho. Daí para a cozinha foi um passo só.

Cortar os animais na hora também dava uma sensação de frescor para a freguesia. O que a senhora quer almoçar? Esse filezinho de sobrecoxa de frango que vou desossar na sua frente ou aquela corvina que tá apodrecendo desde cedo, aqui no peixeiro do lado?

A mágica do bucheiro é transformar mercadoria fresca em produto bonito, na presença da freguesia. Um quilo de asinha, senhora? *Farei* na hora! Tinha freguesa que saía da barraca feliz como uma criança.

6 H

Feirante esperto já tá com quase tudo montado a essa altura, quando a primeira leva da freguesia costuma chegar.

As primeiras freguesas se preocupam apenas com qualidade, e estão dispostas a pagar um pouco a mais por isso, sem frescuras. Até porque o produto dessa hora nem se compara às sobras vendidas muito tempo depois, na desesperadora “hora da xepa”.

Ah, atrasou-se? Nem montou a banca ainda? Pois perdeu, parceiro! Além de perder uma venda preciosa, terá que aguentar a tiração de sarro do seu vizinho de banca, que esbanjará no boteco o primeiro maço de dinheiro ganho do dia para tomar o justo bombeirinho, para o qual você *não* tem dinheiro.

8 H

Tudo tem que estar redondo. A essa altura o circo da feira já envolve todos os sentidos da freguesia. Tem fruta cortadinha pra degustação e tudo.

Embora exista coleguismo, feira não deixa de ser uma operação de guerra, o auge do capitalismo a céu aberto e no asfalto, já que a concorrência é braba, mais ou menos do tamanho da sacola da freguesa. Uma vez cheia, ela vai embora. Cabe ao feirante convencer a dona a levar um abacaxi no lugar do tomate que compraria lá na frente. O bucheiro, que fica no começo da rua, costuma se dar bem. A não ser que a freguesa comece suas compras pelo outro lado, aí definitivamente não sobra espaço para o bucho.

9H

Mercadoria na feira fica exposta de maneira muito precária, e essa é a hora limite que aconselho a fazer suas compras.

As bancas ainda estão bonitonas.

É quando também costumam pintar menininhos carentes, desfilando com roupas pouco católicas, para suprir sua carência com cantadas de alto nível, como “Deus é justo, mas sua calça, hein?”. Os feirantes é que originalmente formaram a nada veneranda linhagem dos famigerados “tiozões do pavê” (você sabe: “É pavê ou pa comê?”). E o engraçado é que às vezes o galanteio até cola. Há gosto para tudo nessa vida. Se você passar nos arredores de uma feira qualquer e vir a cabine de um caminhão velho balançando, é que alguma cantada colou.

10H

A boa freguesia já foi embora e sempre resta mercadoria demais na banca. Como quase todos já beberam bem e bonito, é a hora em que os ânimos se exaltam e o negócio é tentar vender mesmo no grito. Poucas coisas são mais ineficazes que isso.

Nunca vi alguém comprar uma dúzia de bananas apenas porque há alguém se esgoelando na sua frente. Aliás, essa opereta desafinada costuma ter efeito contrário. As pessoas se assustam e se afastam. Mas vai falar isso para os bebuns...

11 H

Hora de baixar os preços. Quem compra agora não quer qualidade, quer gastar pouco. Os mais espertos já têm suas folhas de sulfite com os preços novos já marcados. E, se alguém mendigar, funciona. O piso é o chão.

12 H

A maldita hora da xepa. Aí é um deus me livre completo. Um cruzamento de *A volta dos mortos-vivos* com primeira fila de show de heavy metal em estádio. A pior mercadoria pelo preço mais baixo possível. O horror.

13 H

Quem é bom garantiu sua venda e já está desmontando a banca. Os mais lerdos continuam se matando na hora da xepa. Também começam a pintar os pedintes, os quais merecem muito mais respeito que aqueles que querem pagar qualquer centavo de real pelo seu produto. Eu mesmo sempre preferi dar algo aos pedintes a vender para os últimos fregueses.

Grosseiramente dizendo, esse é o cenário onde acontecem as histórias das páginas a seguir.